

Coordenação de
Luís Carlos Patraquim

107

Escritores e Literatura

***Entre a criação
e o que se escreve sobre ela
há hoje no mundo
um desequilíbrio perturbante***

● Eugénio Lisboa
em entrevista
exclusiva
à «Gazeta de Artes
e Letras» da «Tempo»

Por
Calane da Silva
e Nuno Cláudio dos Santos,
em Lisboa



— «Quanto à inflação de ensaios e textos críticos, penso que não diz apenas respeito à literatura moçambicana. Abarca todas as literaturas africanas de língua portuguesa e, ousaria afirmá-lo, toda a literatura ocidental, de um modo geral. Há hoje um desequilíbrio perturbante entre o que se cria e o que se escreve sobre o que se cria. É verdadeiramente teratológico. Resta-nos esperar que seja apenas uma fase de transição e que, à relativa impotência criadora que se atravessa, se substitua um

período em que mais se faça e menos se comente. Claro que a inflação no caso das literaturas africanas, se torna mais notória por se exercer vorazmente sobre um corpus ainda diminuto e um tanto frágil».

Estas são afirmações do conhecido ensaísta e crítico literário Eugénio Lisboa em entrevista concedida recentemente à «Gazeta de Artes e Letras» da «Tempo».

Nascido e criado em Moçambique, Eugénio Lisboa é um conhecido ensaísta e crítico literário tendo publicado poucos anos antes da Independência do nosso país o livro «Crónica dos Anos da Peste» em dois volumes, que contém uma recolha de muitos dos seus textos divulgados pela imprensa, nas páginas e revistas literárias moçambicanas e não só.

Reencontrámos Eugénio Lisboa, actualmente Adido Cultural da Embaixada de Portugal em Londres, durante o Congresso Pessoal realizado na Fundação Gulbenkian na capital portuguesa, onde foi apresentar um trabalho sobre aquele grande poeta luso, intitulado «O Espanto», cujo texto a «Gazeta» publicará brevemente.

Tal como aconteceu com Alfredo Margarido com quem também nos encontramos na mesma altura e solicitámos uma entrevista já por nós publicada, Eugénio Lisboa prontificou-se por seu lado a responder às nossas perguntas, uma das quais de igual teor à que fizemos a Margarido.

Certamente também polémica, iniciamos desde já a transcrição da entrevista.

O QUE ESTÁ POR DETRÁS DO «BOOM» CRÍTICO?

«Gazeta» — Você foi um dos grandes percursores da crítica literária em Moçambique. Ultimamente, aqui em Portugal, temos vindo a assistir a uma autêntica inflação de ensaios e textos críticos sobre a literatura moçambicana. Qual o seu ponto de vista sobre essa inflação tendo em conta que muitos desses textos têm carácter muito paternalista?

— A seu ver o que é que está verdadeiramente por detrás deste «boom» crítico sobre a literatura africana em língua portuguesa?

E. Lisboa — Se fui ou não um dos percursores da crítica literária, em Moçambique, competirá à história literária dizê-lo. Se o fui grande ou pequeno, não estarei, felizmente, vivo, para ouvir o veredicto final... Todavia, quando leio, algumas vezes, longas e por menorizadas entrevistas dadas por escritores que antigamente me pediam que os promovesse, fico sob

a estranha impressão de que nunca existi.

Quanto à inflação de ensaios e textos críticos, penso que não diz apenas respeito à literatura moçambicana. Abarca todas as literaturas africanas de língua portuguesa e, ousaria afirmá-lo, toda a literatura ocidental, de um modo geral. Há hoje um desequilíbrio perturbante entre o que se cria e o que se escreve sobre o que se cria. É verdadeiramente teratológico. Resta-nos esperar que seja apenas uma fase de transição e que, à relativa impotência criadora que se atravessa, se substitua um período em que mais se faça e menos se comente. Claro que a inflação, no caso das literaturas africanas, se torna mais notória por se exercer, vorazmente, sobre um corpus ainda diminuto e um tanto frágil.

Sobre o paternalismo que preside a tantos textos críticos e ensaísticos que se debruçam sobre o fenómeno das literaturas africanas de língua portuguesa, já tenho sido suficientemente antipático, para que me apeteça hoje alongar-me demasiado. É sempre dolorosamente fácil verificar que, sendo as literaturas africanas um campo ainda relativamente inexplorado, elas constituem uma tentativa privilegiada de aí se afirmarem as relativas mediocridades que, noutros sectores, teriam que enfrentar uma competição mais feroz e mais sofisticada. O que não quer dizer que, neste campo, não haja gente boa. Até há. Mas o que há, também, é muito entulho.

Por outro lado, a má consciência nunca apaziguada e um certo racismo e reaccionarismo larvares, não claramente auto-diagnosticados, levam a que, em vez de um diálogo adulto e inteligente com essas literaturas, se prefira um bater-nas-costas de paizinho cheio de compreensão para com o menino traquinas e mal alfabetizado. É perfeitamente indigno. E é, estou disso certo, mal recebido pelos escritores africanos que não devem estar minimamente interessados nestas pseudo-doutas análises de obras que, melhor do que ninguém, eles sabem que são apenas um começo e um esforço sérios, mas ainda não as obras primas indiscutíveis e riosas que

tantos apregoam, com tanto maior ênfase, quanto menor é a íntima convicção. Aos ex-colonizados, os ex-colonizadores devem uma atenção vigilante e meticulosamente sincera e fraterna. Não devem, de modo nenhum, uma compaixão paternalista e bajuladora, que é ofensiva, hipócrita e pouco operacional.

A LITERATURA MOÇAMBICANA E A «CAPITAL DA MEMÓRIA»

«Gazeta» — É de todos sabido, e mais uma vez repetimos, o seu interesse desde longa data pelo exercício da crítica literária e especialmente pela literatura moçambicana.

— Esse interesse e empenhamento mantém-se actualmente? Em caso afirmativo que opinião formula acerca da actividade literária moçambicana na actualidade?

E. Lisboa — O meu interesse pela literatura moçambicana mantém-se, como não poderia deixar de manter-se. Nasci em Moçambique, lá vivi, estudei, trabalhei, casei, tive filhos e escrevi. Lá fui feliz e, às vezes, infeliz. A África não se esquece. Moçambique não se esquece. Lourenço Marques, hoje Maputo, ficou sempre, para mim, a Capital da Memória (título que me ofereceu a Maria de Lourdes Cortez, amiga subtil que o roubou ao Durrel para me oferecer a mim, como fazem os bons amigos, que perdem a alma deles para proveito dos outros — assim se salvando, afinal, porque ninguém se perde, em vão, a bem dos outros...). Como esquecer a praia, o mar, o espaço, o sol, as gentes, o quintal, as árvores, o mato, o cabo submarino, a barreira, a informalidade do convívio, os craveirinhas, as lourdes, os adriões, os knopflis, as lós, a Namaacha, o Bilene, Jangamo, o caju, as mangas verdes com sal, a gentes, o carinho, as mamans, a doçura, a coragem, o tamanho, outra vez o espaço, outra vez o sol, o areal, as vozes-de-moçambique, os laurentinos sem ronha, o Homero Branco, o Marques da Silva, as livrarias ao sábado de manhã, o Rola Pereira, o Mário Barradas e o teatro, a

marrabenta, a poesia, a vida, a pujança, Quelimane, a Ilha, a Matola, a Zambézia grande e generosa, a luta, a ameaça, o medo, o sofrimento, a porrada, a fraternidade, o mar, a praia, o sol, o calor, a preguiça ... como esquecer tudo isto?

Como esquecer a literatura que regista tudo isto e tudo isto fixa com mais força do que a muita força que tudo isto tem? Vou-me mantendo informado, como posso e quando posso. Mas vivo longe, em Londres e não tenho as facilidades que tinha quando vivia no centro da capital da memória. Alguns autores vão-me mandando os seus livros e fazem questão de manter, entre mim e eles, uma ponte que estimo e acarinho. Um

menos bem à referida alma ler a poesia «empenhada» e explicitamente «pedagógica» de alguns que ainda não aprenderam ou já se esqueceram que, em arte, só «ensina» e eficazmente «actua» quem, por acaso, até se descuidou de pretender ensinar e actuar. A arte é um modo de fazer bem e não um modo de bem-fazer ... Ou, como dizia aquele perverso André Gide, é com boas intenções que se faz má literatura.

CRAVEIRINHA E KNOPFLI E AS INTERPRETAÇÕES

«Gazeta» — Num dos textos do seu livro «Crónica dos Anos da Peste (I)» transparece uma certa admiração por Rui Knopfli em de-

de!). Essa minha calorosa adesão foi explicitada numa grande abundância de textos que não podem deixar dúvidas a não ser aos que duvidam por estratégia. Ainda há bem pouco tempo enviei a um simpósio sobre a alteridade um texto sobre «visibilidade e invisibilidade do outro na poesia de José Craveirinha».

Por outro lado, a minha adesão à poesia de Knopfli documenta-se pelas mesmas vias. Nunca preferi estudar um em desfavor do outro. Utilizando a linguagem viva das crianças, diria que gosto mais dos dois, quando se fala só de poesia.

O texto a que V. se refere deve ser o artigo «A Literatura Moçambicana à Vol d'Oiseau» publicado no semanário «A Voz de Moçambique» de saudosa memória (n.º 89, de 10/8/63) e mais tarde recolhido no primeiro volume da minha pestífera Crónica. Nesse texto eu limitava-me a responder, em termos de correctivo necessário, a certas afirmações de «mais grande» ou «mais importante», postas a circular por um simpático e pouco cauteloso Richard Rive. Nunca me senti tão tentado a envolver-me em histórias de poetímetros porque nunca o meu modesto discurso crítico aspirou a medir grandezas relativas de poetas (moçambicanos ou outros). A minha formação científica impede-me saudavelmente de fingir que sei medir grandezas que não são mensuráveis. P o s s o, por razões pessoais, preferir a decantação ou quase secura de um à luxúria linguística do outro (e nem sempre), como posso sentir mais por dentro a náusea existencial de um do que a empenhada e eloquente indignação social do outro. O que não tenho é modo de provar que a minha preferência se eleva ao estatuto de um demonstrável juízo de valor. Trata-se, repito, de uma sintonização, por razões pessoais, e não de uma escolha, por razões estritas da poesia.

Por outro lado, opus-me com vigor (e ainda o faço, curiosamente sem vergonha) a que «se adoptem critérios de medição de «importâncias» poéticas inspiradas em granjeios de votos de «responsabilidade social» — critérios de eleição que a poesia não reconhece e até violentamente repudia porque



«O seu interesse pela literatura moçambicana mantém-se, como não poderia deixar de manter-se. Nasci em Moçambique, lá vivi, estudei, casei, tive filhos e escrevi. Lá fui feliz e, às vezes, infeliz. A África não se esquece. Moçambique não se esquece»

ou outro, que antes me pedia prefácios, críticas e badanas, fala hoje daqueles tempos, como se nunca nos tivéssemos ali cruzado e esquece-se de me mandar aquilo que vai escrevendo. Curiosamente — os deuses são vingativos! — os raros casos em que isso se verifica são de obras e autores com que nem vale a pena a gente preocupar-se ...

Seja como for, tem-me feito bem à alma ler ou reler o Craveirinha, o Sebastião Alba, o Jorge Viegas, o Carneiro Gonçalves, o Rui Nogar, o Luís Carlos Patraquim, o Fernando Couto (reaparecido!) e ainda outros. Mas tem-me feito

trimento de Craveirinha, entendido por muitos sectores como o mais significativo poeta moçambicano.

— Mantém hoje a mesma opinião?

E. Lisboa — A minha admiração por um autor não tem que existir em detrimento de outro autor. Prefiro admirar ambos a ter que admirar um contra o outro. A minha admiração pela poesia de José Craveirinha nunca teve medo de se manifestar, mesmo quando isso não era conveniente (e a inconveniência da poesia de José Craveirinha tem-se revelado de uma extraordinária vitalidade)

a tendem a reduzir a uma só das suas infinitas possibilidades, a vestir um só rosto quando tem tantos, a acomodar-se numa só de entre as múltiplas formas que lhe assentam bem». Mas valerá ainda a pena moer este vidro já tão moído?

E, já agora e uma vez que estou na onda pícara «Rui Knopfli versus José Craveirinha», onda que não provoqueei mas na qual me lançaram, aproveito para esclarecer um ponto que, até agora, não tive a oportunidade (nem a pachorra) de esclarecer. É o seguinte: no simpósio sobre o problema da identidade nas literaturas africanas de língua portuguesa, que se realizou em Paris, em 1984, a Fátima Mendonça citou, de um estudo meu sobre a poesia de Knopfli, a seguinte passagem (que aliás truncou, pondo um ponto final onde ele não existia):

«A poesia de Rui Knopfli, chegada depois das vozes declamatórias (indignadas ou simplesmente queixosas) de um José Craveirinha ou de um Orlando Mendes, vinha dizer-nos, como modo dorido, que lhe não era possível outro discurso que não fosse o mais adequado a uma visão «um tanto crepuscular», etc., etc.» (De notar que, ao transcrever esta pequena passagem, Fátima Mendonça, o que não abona muito o escrúpulo com que lê e cita os textos dos outros, achou maneira de cometer um número apreciável de tropeços: suprimiu três vírgulas, um parêntesis, um pronome e, além disso, como já acima notei, a citação não fecha período na palavra «crepuscular»). Desta passagem, de leitura simples e sem réstea de ambiguidade, a estudiosa da literatura moçambicana tira esta conclusão, de que o mínimo que se pode dizer é que vira de 180 graus o sentido do meu texto: «Pensamos que Lisboa ao aproximar desta forma Craveirinha e Knopfli escamoteia o seu real distanciamento. O universo de Knopfli por vezes é o mesmo do de Craveirinha, mas um e outro colocados em ponto diferente. Etc., etc.».

Esqueçamos, por não interessar para o caso, a confusão da redacção («um e outro» refere-se aos poetas ou aos universos deles?). E notemos apenas que o texto de

Mendonça faz lembrar aflitivamente, quando aplicado à minha passagem, os diálogos célebres da parelha Duponto e Dupont: «Está um lindo dia!», observa Dupont. E logo Duponto: «Digo mesmo mais: está um lindo dia!».

Fátima Mendonça, ao dizer que eu «aproximo» as poesias de Craveirinha e Knopfli, distraiu-se de reparar que eu, precisamente, as «afasto» (comparo-as, mas para dizer que divergem e não que convergem): o mesmo universo de desolação, pobreza e fome desencadeia, num deles (Craveirinha) um discurso vibrante, barroco e indignado; no outro (Knopfli), um discurso que debita «palavras encardidas e magoadas», que seriam (digo também), segundo Knopfli, «as mais estrategicamente adequadas a convirem o tal «tédio profundo do tempo e da vida/ /mal vivida (...)», que a sua poesia obsessivamente regista. Duas reacções opostas (afastadas) a um mesmo estímulo. Por isso, não aproximo. Por isso, repito, afastou, melhor, contraste. E por isso, também, não «escamoteio» coisa nenhuma (o que é uma acusação moralmente grave, mesmo que Fátima Mendonça disse se não aperceba). Quem escamoteia o sentido meridianamente claro do meu texto, para depois poder agredir um moinho totalmente inventado é Fátima Mendonça, a quem recomendo mais cautela, quando ler, de futuro, os textos sobre que se debruça.

O COMPUTADOR OS NÚMEROS E A CRÍTICA LITERÁRIA

«Gazeta» — Nos últimos tempos a crítica literária vai utilizando, cada vez mais métodos de análise de textos onde a própria matemática e o seu componente quase mágico, o computador, são utilizados.

— O que acha destes novos métodos na crítica literária onde o Homem e a Sociedade que em parte O forma, são às vezes até omitidos?

E. Lisboa — Não sei se esses métodos são assim tão universalmente aceites e seguidos como o insinua a sua pergunta. Eu conheço muita boa gente — e de alto

quilate — que se não deixa impressionar por aí além, quanto mais aterrorizar por essa manipulação numérica que, ainda por cima, é frequentemente praticada por quem não tem o mínimo de preparação, nem de subtileza no manuseamento de números. Não raro, as conclusões que se derivam desse fascínio provinciano diante do «pitagórico» dão-me vontade de parafrasear o ladino Voltaire (que, para o caso, falava de história) e dizer que os números, nas mãos de certas pessoas, servem apenas para provar que tudo pode ser provado com eles. E, falando da utilização das estatísticas, não dizia o grande humorista norte-americano Mark Twain, que há três espécies de mentirosos: os mentirosos propriamente ditos, os mentirosos de uma figa e os estatísticos? Claro que as contagens podem e devem ser feitas; claro que os computadores podem ser úteis. Mas tudo terá que ser feito com as necessárias cautelas e também com uma certa dose de saudável desconfiança e cepticismo.

Sobre este assunto, recomendaria aos incautos as inteligentes e meditadas palavras de Vítor Manuel de Aguiar e Silva, respeitantes à metodologia estatística seguida por Jorge de Sena nos seus estimulantes estudos camoneanos e não só. Aí denuncia o professor de Coimbra uma «concepção pan-estatística do conhecimento científico, a qual, por sua vez e correlatamente, reflecte isomorficamente uma concepção também pan-estatística do real», que postula «um modelo mecanicista de todo o real».

Ora se tudo isto é já, de um modo geral, duvidoso, como abordagem adequada do real, quando esse real é o escorregadio e caprichoso «real poético», as dúvidas ainda mais se me agudizam ... O contentamento estatístico de Sena deixa-me a mim descontente. O

que nada tem a ver, é claro, com a admiração que muito da sua obra me merece.

AINDA

**O PEQUENO INTERESSE
PELAS
LITERATURAS AFRICANAS**

«Gazeta» — Você que vive em Londres, perfeitamente inserido num ambiente cultural europeu, que interesse lhe parecem despertar as literaturas africanas de língua portuguesa no chamado Velho Continente?

E. Lisboa — As literaturas africanas de língua portuguesa não despertam grande interesse no Reino Unido, pela simples razão de que nenhuma literatura de língua não inglesa desperta grande interesse nesta grande nação de insulares. Não estou a dizer nada de novo, nem estou a dizer nada

que os ingleses cultos também não digam.

Aldous Huxley afirmava, por exemplo, que a Grã-Bretanha não é um grande país literário, no sentido em que não há da parte do público em geral, uma grande apêndice por obras de boa literatura. O inglês, que tem, de modo genérico, um grande fastio cultural (com as excepções da regra), ainda menos sente grande curiosidade pelas literaturas dos outros. Por outro lado, as culturas dos países economicamente pequenos são para eles suspeitas de serem culturas não importantes ... culturalmente! Tanto tens, tanto vales — e não há Camões que nos valha! Fechado na sua insularidade, difícil de vencer, o inglês promove, até ao fastio, os seus nomes de primeira, segunda, terceira e quinta categoria e dá uma importância relativamente secundária aos gran-

des nomes dos outros países. É ver qualquer dicionário de literatura, mesmo da responsabilidade de gente séria: ali se depara com o facto insólito de Eça de Queirós ou Roger Martin du Gard serem nomes menos importantes do que ... Barbara Cartland!

Dito o que, algum interesse vai havendo, sobretudo entre especialistas, universitários e não universitários e entre aquela alguma gente que se interessa por estas coisas porque gosta de se interessar por estas coisas. Já agora, uma boa notícia: há relativamente pouco tempo, o Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros, do King's College de Londres, alargou os seus quadros, com mais um professor, que precisamente se encarrega de estudos africanos nos espaços de língua portuguesa. Já é um começo.

□